

ENTRE-LUGAR: APRESENTAÇÃO

Cláudio Benito O. Ferraz

Editor da Revista Entre-Lugar.

*“Todos los caminos
del mundo se reúnen y terminan en tu cuerpo...
Como en el primer día de Adán
Frente a la primer noche
Quando el camino aún no tenía nombre
Porque toda la tierra y todo el cielo eran herencia
Suya” (Josefina Plá: Camino Vertical).*

PALAVRAS DE ABERTURA

O conceito de “Entre-Lugar” é consequência da ascensão de determinados fenômenos e elementos que passaram, notadamente nas últimas décadas do século XX, a demarcar a necessidade de novos olhares e interpretações das relações humanas exercitadas nas regiões periféricas do complexo espacial do mundo, principalmente quanto ao sentido de pertencimento das pessoas em relação a esses locais.

As condições históricas da produção dos espaços periféricos, como é o caso da América Latina e, no contexto desta, a América do Sul em particular, na qual a região de Dourados no estado do Mato Grosso do Sul ocupa uma posição de singular fronteiridade, desembocaram, no período atual, no debate sobre o sentido, ou sentidos, de identidade territorial, de localização e orientação, a partir de onde se está em relação aos centros econômicos e políticos, os quais se apresentam em escalas e hierarquias diversas em nível mundial.

Tais questionamentos se reverberaram em situações de limites não tão precisos, fronteiras maleáveis e porosas que, ao mesmo tempo cerceiam também permitem o contato e trocas de pessoas, objetos, idéias, valores e posturas, produzindo sentidos diversos de identidades e estranhamentos, de enraizamento e exílio/desexílio (VOLPE, 2005).

Para dar conta de tal análise, o conhecimento geográfico se vê forçado ao diálogo com outros saberes, de maneira que suas

especificidades internas (urbana, rural, regional, geomorfologia, cartografia etc.) deixem de se estranharem enquanto estudos científicos segmentados e viabilizem um discurso mais focado nas questões espaciais do mundo em sua variada escala de manifestação – um discurso geográfico que não se isole, mas que se abra para outras perspectivas e falas. Um discurso cuja unidade possível não se reduza ao tão desejado método em si, mas a um número maior de formas de se olhar e dialogar com a diversidade das relações territorializáveis.

Quando mais claramente nos entendermos como povos localizados no Entre-Lugar das relações espaciais do mundo atual, teremos melhor condição de saber o que almejamos falar e com quem. Nesse sentido, nosso conhecimento científico, nosso discurso geográfico, deverá ser um saber fundado nessa condição territorial de fronteira, de hibridismo cultural, de terceira margem do espaço mundial – e o contexto locacional do curso de Geografia de Dourados é instigante quanto a essa possibilidade de produção de conhecimento. Tendo essa perspectiva como parâmetro, vamos aqui tecer um rápido comentário sobre essa possibilidade de esclarecimento de uma geografia do entre-lugar.

As profundas mudanças nas relações econômicas, comunicacionais e informativas ocorridas nos últimos anos afetaram todos os setores da sociedade nas mais diversas escalas espaciais - dos contatos mais íntimos e privados entre os indivíduos ao arranjo administrativo de vastas extensões territoriais por parte do Estado-Nação. Nesse processo, alguns elementos se destacam: fragmentação das unidades societárias no território; porosidade das fronteiras e limites; interação de fenômenos entre as várias escalas de manifestações; virtualização dos elementos físicos; multiplicação da presentificação de imagens e veículos imagéticos nas rotinas humanas; aceleração dos acessos informativos num tempo cada vez mais instantâneo e num espaço que parece se desfazer.

Diante desses elementos, os sentidos de orientação e localização do homem no mundo passam a sofrer profundos processos de reelaboração de significados, assim como por mudanças de parâmetros lógicos e simbólicos. Entender-se nesse mundo que precisa ser melhor interpretado caminha pela agudização das tensões e conflitos de valores, idéias e ações até então consideradas “normais”, notadamente

nos pontos e locais em que estabelecem contato. Nestes se manifestam de forma mais contundente, ao mesmo tempo obscura, o aquém e o além entre a tradição e a mudança, entre o antigo e o novo, entre o eu e o você, entre o nós e os outros, entre o sujeito e o objeto, entre civilização e barbárie, etc.

O mais complicador é que esses dualismos tendem a perder seus referenciais estabilizadores de leitura, explodindo em complexidades de formas, tendências e sentidos que desestabilizam os até então “sólidos” parâmetros de entendimento. Está cada vez mais difícil estabelecer uma clara linha fronteira entre o certo e o errado, entre o masculino e o feminino, entre o bom e o mau, entre fantasia e realidade, entre sonho e pesadelo, entre estética artística e ética de mercado, entre razão científica e loucura.

Fazendo uso das palavras de Doreen Massey (2000, p. 177), podemos afirmar que vivemos “numa época em que as coisas estão se acelerando e se disseminando”, ou seja, a “aceleração” do/no tempo e a “disseminação” do/no espaço dos meios informativos e processos de comunicação levam e são frutos da compressão espaço-temporal, que afeta e é influenciada pelas nossas experiências individuais/coletivas no contexto do arranjo sócio-espacial dominante. Novamente usando de Massey (2000, p. 178), problematizamos assim a esta questão.

A noção (idealizada) de uma época em que os lugares eram (supostamente) habitados por comunidades coerentes e homogêneas é contraposta à fragmentação e ruptura atuais... A compressão do tempo-espaço refere-se ao movimento e à comunicação através do espaço, à extensão geográfica das relações sociais e a nossa experiência de tudo isso.

Diante dessa compressão tempo-espacial, o saber se localizar e se orientar cobra um sentido de lugar em outros termos, não mais tão estáveis e rígidos. O sentido de lugar, na sociedade atual, depende muito do grau de valorização que se deposita ou se produz do mesmo no contexto das forças e fenômenos em jogo. Logicamente que um determinado lugar pode ser mais valorizado conforme o grau de interesse econômico sobre o mesmo (recursos naturais são atrativos, mas também localização em relação aos centros consumidores ou distri-

buidores, assim como infra-estrutura e subsídios são determinantes de localização e especulação pela perspectiva financeira).

Além do determinante econômico, um lugar pode ser valorizado em seu aspecto simbólico para o imaginário coletivo (fonte de vida, morada de deuses, local de descanso dos mortos, ponto de encontro da comunidade etc.). Um lugar pode ser também percebido como depositário do sentido de existência individual, de marco da história pessoal e matriz de memória familiar (uma casa enquanto lar de várias gerações de uma mesma família, uma vizinhança de ruas e praças que serviu de base para o crescimento das crianças etc.).

Sistematizando, temos que o lugar é geralmente tomado como um ponto/extensão do/no território que se destaca dos demais por nele se produzir e depositar determinado tipo de valorização (econômica, simbólica, memorialista, histórica) que permite aos indivíduos e grupos interessados nomeá-lo e entendê-lo como seu (tanto legalmente quanto afetivamente).

Lugar, portanto, pode ser a base de processos espaciais de elaboração de identidade, de exercício de solidariedade e de aprimorar laços afetivos e psicológicos necessários para a integridade individual e coletiva. O problema se coloca quando esses mesmos elementos podem desembocar num processo de sectarismo do “nós” em relação aos “outros”, de estranhamento e preconceito ao não familiar, de marginalização dos que não pertencem à minha comunidade ou grupo (social, cultural, etário, sexual, religioso etc.). A necessidade de conservar a memória e valores históricos, individuais e coletivos, pode cair no fundamentalismo da essência metafísica que justifica a violência em relação aos que não conjugam dessa mesma base de identidade idealmente pura.

O que se configura atualmente para essa questão do lugar, como já foi anteriormente apontado, é que os antigos referenciais que permitiam a produção de parâmetros mais estáveis de sentido e localização estão passando por rápidos processos de mudança e, em grande parte, se volatilizando.

Hoje, ao ligar a televisão no aconchego de seu lar, adentra em sua casa séries européias com homossexuais assumidos como protagonistas; seu filho aprecia música feita por inúmeros negros norte-americanos falando de sexo e consumo de drogas; você financiou um

automóvel de matriz coreana; compra presentes para as crianças fabricados na China; no seu bairro as melhores mercearias são dos japoneses; seus vizinhos são evangélicos; compra carne mais barata importada da Argentina e usa o circular para se locomover até o escritório, sendo que o motorista é nordestino e tem um parente que está namorando sua filha. O outro, o longe, o diferente, o suposto inimigo está ao seu lado, entra em sua casa, e você depende dele para sobreviver cotidianamente.

As fronteiras não são mais tão rígidas e nítidas. As interações de fenômenos, objetivos, idéias, imagens, sons e pessoas de diferentes lugares e escalas de manifestações, ocorrem no lugar, em cada lugar, nesse lugar em que se busca consolidar os sentidos de identidade e existência pessoal.

Para exemplificar esta afirmação, pensemos num lugar que todos consideram como o “seu”, ou seja, a sua casa. Hoje, em muitos lares, além de locais de descanso e de intimidade familiar, também são usados como espaços de complementação de renda, onde os familiares também trabalham para aumentar o ganho financeiro. Além desse aspecto, em muitas casas, os filhos trazem amigos para conversarem na privacidade de seus quartos, ou para organizarem festas eletrônicas, fazendo com que os pais se sintam estranhos ou deslocados naquele ambiente.

A família só se reúne no horário da novela, mas ninguém fala para não se perder a emoção teledramática. A televisão substitui a função do diálogo entre os parentes por um grande monólogo autoritário, já que o patriarca perdeu essa função de ordenar as falas e a lógica daquele espaço. O necessário ambiente de socialização familiar ainda continua sendo a casa, mas ao sentido de lar se acrescentam outras funções e práticas, fazendo que a intimidade entre seus membros se pautem na naturalização do mútuo estranhamento a custo do silêncio ensurdecedor das horas.

Esse estranhamento em relação aos sentidos usuais de determinados lugares é consequência dessa sobreposição de funções diversas que se interacionam a partir da utilidade inicial que dado lugar possuía, fragmentando as formas de se relacionar e se identificar com o mesmo. Complementar a isso, ocorre uma crescente sensação de incerteza quanto ao sentido mais comum de “nosso lugar” e da rela-

ção deste com outros pontos no território ou com o contexto escalar mais amplo em que o lugar é parte manifesta.

É como se tudo que até então parecesse sólido, se desmanchasse, na famosa citação de Marx, só que aqui empregada não apenas para explicar a lógica fantasmática do capital, mas do conjunto de elementos que afetam os princípios norteadores de orientação e localização do ser humano no mundo, gerando conflitos e angústias, pessoais e coletivas, na busca de sentido e identidade espaciais.

Uma das melhores formas de exemplificar esse “estar perdido” no mundo a partir do lugar em que se vive é expressa pelas tramas e personagens dos romances de Paul Auster. Ao utilizarmos, por exemplo, o personagem Blank, cujo significado em inglês pode ser entendido como “espaço vazio”, do livro “Viagem no Scriptorium”, temos uma série de imagens/metáforas do que está se apontando aqui para o entendimento atual do ser humano e seu lugar no mundo de hoje.

O “scriptorium” de que trata o livro pode ser o local de trabalho de Blank, pois parece que ele é um escritor como a escritaninha, a luminária e as páginas de um romance a ser escrito indicam; mas pode ser também um quarto de hospital, porque ele está acamado e uma enfermeira sempre vem visitá-lo. Contudo, talvez seja uma cela de confinamento, já que ele está impossibilitado de sair desse local que esporadicamente recebe um policial com estranhos questionamentos.

Esse “escriptorium” é um lugar físico, um ponto localizável em meio a geometria cartografável do espaço, no entanto, o sentido geográfico do mesmo, sua função e sentido para o ser que o experimenta, se fragmentou numa diversidade de usos e perspectivas – é lar, é local de trabalho, é uma estadia passageira, é prisão é... Como é a expressão de vários usos e sentidos, que se interacionam, se negam e conflituam, acaba também sendo nada ao mesmo tempo, ou melhor, é um lugar repleto de vazios. Em meio a essa perda de estabilidade de sentidos, ocorre o estranhamento em relação a sua identidade de ser humano a partir do espaço que seu corpo ocupa. A angústia o domina e ele se sente perdido.

Na busca de construção de referenciais, Blank passa a desenvolver uma hermenêutica interpretativa a partir da semiologia dos

objetos presentes no arranjo físico e perceptível do ambiente ao seu redor.

De forma adâmica, passa a denominar os objetos presentes naquele cômodo a partir da percepção das formas dos mesmos em relação a sua experiência imagética que a memória preservou. Passa a colar etiquetas com os nomes que relaciona a imagem percebida com a respectiva função do objeto, conforme aprendeu a partir de suas experiências com o mundo.

Coloca o nome “cadeira” no objeto cuja imagem atende seus pressupostos de forma e de uso. O mesmo ocorre com cama, escrivaninha, luminária etc. Acredita assim, a partir de uma tradição metafísica em bases lógico-formais, organizar racionalmente o seu espaço a partir da precisão entre a palavra (pensada/escrita) com a essência verdadeira e definitiva da imagem que representa o objeto, ou seja, para ele o mundo passa a ter sentido quando ocorre a total identificação entre a palavra e a parte do real por ela nomeado. Blank dessa maneira se manifesta quanto a esse aspecto da verdade a partir do rigor da palavra em relação ao real percebido:

Graças à longa experiência que teve, sabe dar valor à precisão e à clareza em todas as coisas... sempre tomou cuidado infinito para escrever os relatórios... numa linguagem que não traísse a verdade daquilo que viram, pensaram e sentiram em cada etapa do caminho (AUSTER, 2007, p. 101).

Contudo, para seu pesadelo, essa sensação meramente racional de ordem e sentido de lugar acaba sendo subvertida quando, sem mais nem menos, percebe que os nomes das coisas foram trocados. “Cadeira” estava denominada de “escrivaninha” e nesta constava o nome de “luminária”, assim por diante. Blank se revolta, fica enfurecido, considera aquilo um perigo que lançará o “mundo num caos” e tornará a “vida intolerável para todos exceto para os loucos” (AUSTER, 2007, p. 101).

O personagem não compreende como aquilo aconteceu. Os fatos não se comportaram dentro dos padrões lógicos que estava acostumado. Não consegue identificar uma causa palpável que explicasse tal efeito. Tenta lutar e resistir, mas percebe-se incapaz de compreender o que está acontecendo e, em nome da sobrevivência

imediate, rende-se a essa fragmentação e miríades de detalhes que o envolvem.

Blank representa muito das posturas de determinados pensadores (filósofos, geógrafos, sociólogos etc.) perante as mudanças atualmente presentes nos processos de busca de sentido do homem no mundo. Por um lado, a insistência nas velhas ferramentas conceituais e teóricas que se pautavam em parâmetros mais estáveis na ordem física do meio, acreditando assim estabelecer um equilíbrio de idéias e discursos coerentes com os padrões, ritmos e movimentos dos fenômenos. Por outro lado, quando percebem que esses referenciais mais tradicionais não se adequam e se subvertem, muitos cientistas e pesquisadores acabam subsumindo ao aspecto mais espetacularizante dessa mobilidade inebriante e assumem o relativismo imediatista de verdades efêmeras como forma absoluta de sobreviver em meio a estetização de todos os valores e situações.

Ambas as posturas se distanciam de uma conduta mais pertinente de se tentar afirmar a função do conhecimento filosófico/científico a partir das condições em que a vida se manifesta, qual seja, de se buscar a produção de referenciais que permitam ao ser humano melhor se entender no mundo a partir da elaboração de conceitos e ferramentas possibilitadores do interpretar a vida no contexto das condições existenciais atuais. Tentar insistir num controle racional do mundo para apenas passar um sentido de ordem e domínio, ou então deixar se levar pela avalanche caótica da volatilização dos referenciais em meio a competitividade de todos contra todos, são posturas que não contribuem para um melhor entendimento do que está acontecendo.

Logicamente que não existe uma única resposta ou caminho, nem a solução virá a partir de um pensador individual ou de um ramo de conhecimento científico em específico. Contudo, ao que aqui nos interessa mais diretamente, o conhecimento geográfico pode contribuir para uma melhor compreensão dos atuais processos que envolvem os indivíduos a partir da busca por outras perspectivas quanto a lógica e sentidos das relações espaciais na sociedade. Para tal, o diálogo com outras áreas do conhecimento, assim como também entre suas várias especializações, passa a ser fundamental.

Visando contribuir nessa direção, façamos uso das análises desenvolvidas por Luis Alberto Brandão que, a partir do estudo da

obra literária de Paul Auster, aponta para a pertinência de uma nova postura e entendimento do espaço que esse romancista apresenta. Segundo Brandão (2005), a busca de identidade que os personagens de Auster anseiam no mundo contemporâneo acaba por levar estes a mudar a leitura e compreensão do espaço como referência de localização e orientação a partir de pressupostos estritamente físicos, geométricos e topológicos, ou seja, no caso da literatura, da apresentação de um espaço “fundador” da ordem do Estado-Nação, como foi assim praticada a partir do século XIX, para um sentido espacial pautado no “horizonte” das relações humanas.

Auster percebe que as atuais condições culturais e econômicas pressupõem processos mais complexos e dissipadores do sentido de identidade, o qual não se restringe mais ao domínio da lógica espacial articulada pelo Estado-Nação, que se caracterizava na crença da “solidez das identidades fechadas, o apego à circunscrição rígida dos espaços, o respeito cego ao peso das certezas” (BRANDÃO, 2005, p. 54), daí ele apontar para o sentido de espaço não como fundação, como resultado de dados empíricos e quantificáveis a fundar uma padrão comum de integridade territorial, mas de espaço como “horizonte”.

Podemos afirmar com Brandão (2005, p. 65), a partir de Auster, que a geografia do espaço contemporâneo só é possível se nos voltarmos “para esse horizonte, que é, sempre, um espaço além, espaço não-nosso, que transborda das fronteiras reconhecíveis, espaço da identidade incerta”. Esse olhar para o horizonte como forma de buscar novos sentidos a partir das incertezas e complexidades delinea uma postura que visa ir além da tradição discursiva da racionalidade moderna, a qual se tornou hegemônica nas práticas analíticas e enunciativas da ciência, como é o caso da geografia institucionalizada.

A racionalidade moderna, acentuadamente instrumental e dogmatizante, tende a aplicar seus referenciais lógicos de análise para adequar o ilógico aos parâmetros confiáveis de leitura e controle. Assim, quando olhamos para um lugar e não nos identificamos nele – não estamos nele –, tendemos a organizá-lo segundo os padrões dominantes de conhecimento e uso. Foi isso exatamente que fez o personagem Blank ao colar etiquetas com os nomes dos objetos no cômodo que estava.

A melhor compreensão do sentido de identidade só é possível quando mais claramente o indivíduo e/ou coletividade humana

souber se localizar e se orientar no mundo a partir do lugar em que se encontra. A partir desses elementos espaciais é que o lugar onde se está passa a ter significado e, diante disso, o sentido de ser humano no mundo toma uma direção mais pertinente para com as condições culturais, sociais e históricas em que a existência está mergulhada.

Podemos ilustrar essa necessidade de se buscar o sentido próprio do humano a partir da elaboração de um melhor entendimento de onde se está a partir de uma outra obra literária que faz referência à gênese da condição humana. O “Paraíso Perdido”, de John Milton, veio a público no início da segunda metade do século XVII e apresenta, em forma de poesia, como Satanás, após sua queda, planeja e executa a expulsão do homem do paraíso criado por Deus.

A busca pelo “paraíso” que se perdeu, por culpa das ações e desejos do próprio ser humano, é a fonte que persegue como um pesadelo os sonhos de um espaço ideal em que a vida humana possa manifestar-se em plena felicidade. A racionalidade científica moderna almeja esse lugar de conforto eterno em um mundo sem conflitos, atritos, misérias e mortes. Os frutos técnicos e tecnológicos da ciência moderna visam a esse ideal paradisíaco em cada lar humano, esquecendo que, pela própria metáfora da história bíblica, a perda do paraíso significou a elaboração do sentido terreno de ser humano, aquele que tem que aprender a conviver com seus demônios no próprio processo de elaboração do seu existir no mundo, ou seja, construindo um sentido de espacialidade em conformidade a edificação mais plena do que é próprio ao homem, e não a partir de uma idealização cindida do mesmo.

O paraíso não existe concretamente, é o único não-lugar de fato. Tentar encontrá-lo ou criá-lo, mesmo em bases científicas, é colocar a direção do caminhar humano rumo a um território que não existe. Só decepção e frustração advirão com essa busca.

Milton (s.d.), no canto XI do seu poema, coloca o anjo Miguel escoltando Adão e Eva até as fronteiras do Paraíso e apresenta para eles um novo território, cujo sentido espacial eles terão de elaborar. A reação de Adão é exemplar para os medos e dubiedades humanas atuais.

Adão não queria sair do Paraíso, lá tudo estava em seu devido lugar. Ele tinha colocado os nomes em todos os animais e pontos do

território. Ele vivia sem dúvidas, medos e conflitos. Ser arrancado dessa suposta harmonia para viver os desequilíbrios, instabilidades e violências do mundo era algo apavorante. Miguel leva Adão a uma elevação e fala para ele olhar para o horizonte espacial e mostra o desenrolar do tempo futuro do homem. Vê guerras, doenças, injustiças, misérias, orgias, abusos de poder, traição e morte. Apavora-se e percebe toda a dor que a humanidade sofrerá por culpa de seus erros.

Contudo, como não existe outro caminho, Adão começa a perceber que, diante de tanta desgraça, terá que sobreviver e, pela primeira vez, não mais como algo em si, mas como um ser que procura ser para si, que deve elaborar o sentido de sua própria existência a partir das condições e limites inerentes a ele – ser humano.

Adão olha para Eva e esta lhe responde: “Contigo ir-me... é ficar no paraíso; Estar aqui sem ti... é sair dele” (MILTON, s.d., p. 379). Eva enuncia o aspecto que o paraíso, enquanto espaço da vida humana, só tem sentido quando é vivido humanamente pelos homens. Não adianta ficar num lugar em que a vida humana não se manifesta em atos, realizações e relações, por mais conflitante que isso venha a ser. Após isso, Adão pega na mão de Eva e caminham para fora do Paraíso, ao que o poeta, no canto XII, o último, assim conclui:

Olhando para trás então observam
Do Éden (há pouco, seu ditoso asilo)
...
Diante deles estava inteiro o Mundo
Para a seu gosto habitação tomarem,
E tinham por seu guia a Providência (MILTON,
s.d., p. 379).

Apesar de todos os riscos, dores e tragédias que os esperavam, mesmo tristes pela perda da ingenuidade, agora tinham que ser adultos e aprenderem a viver o melhor possível o mundo que estava se desdobrando para eles. A “providência” é uma guia que caberá ao próprio homem saber empregar. Agora ele era o senhor do seu destino, deverá assumir as consequências de seus atos para aprender a ser humano.

O que podemos retirar dessa narrativa pautada na Bíblia, na direção que aqui nos interessa, é reforçar o aspecto da busca de orien-

tação e localização do homem no mundo a partir do assumir seus limites e potencialidades destrutivas como forma de melhor se entender como um todo na elaboração de caminhos mais necessários e justos. Para tal, os sentidos que damos ao tempo e ao espaço são cruciais para a nossa percepção do que somos no mundo.

No paraíso não existia a noção de tempo, já que não havia finitude nem evolução das coisas, tudo era um constante agora. O problema para o sentido de humano era exatamente este. Como não existia tempo, também não existia espaço na perspectiva humana. Tudo estava distribuído numa dada extensão sem fronteiras perceptíveis, portanto, não havia noção de limites, de meu lugar em relação a outro lugar. Tudo era apenas paraíso. Diante dessa falta de identificação humana do lugar, não havia consciência do que é a vida, já que não havia morte e, por conseguinte, não se questionava o que vem a ser o humano no homem.

Foi quando eles claudicaram que surgiu a noção de limite. A partir dessa ação demasiada humana é que a percepção de finitude da vida se fez presente pela concretude da morte. Existindo a morte, a vivência do tempo como movimento, graças as mudanças visíveis que o corpo humano sofre, tornou-se palpável, delimitando o período de vida humana. Foi porque o homem falhou que surgiu a noção do meu corpo distinto do corpo do outro. A partir da consciência corporal, do eu em relação ao outro, dos limites físicos do meu corpo em relação aos limites do corpo alheio, que a idéia de lugar onde meu corpo está se consolidou, ou seja, de um lugar em relação a outro, separados por fronteiras que delimitam as diferentes extensões no/do território.

Ao serem levados para a fronteira do paraíso, Adão e Eva pela primeira vez percebem que existia algo além, que era um horizonte que desconheciam. Que a partir dali, tudo que estava à frente era um espaço que eles, seres humanos, iriam dar sentido e vida. O Paraíso não foi por eles criado, foi fundado por Deus (“espaço de fundação”), eles apenas estavam colocados lá, como pontos móveis num plano geométrico, mas não viviam humanamente aquela espacialidade. Do Paraíso nem se podia dizer que era um lugar, pois não fora construído com os desejos, limites e potencialidades humanas. Aquele horizonte espacial que se desdobrava perante seus olhos, este sim

seria fruto de suas ações e ideias. Ali o sentido de lugar se edificará a custa da busca de identidade do homem no território de sua existência.

Podemos aplicar essa interpretação da narrativa bíblica ao momento atual vivenciado pela humanidade. Como está colocado no início desse texto, as atuais necessidades da lógica econômica, a competitividade no mercado de capitais, entre empresas e por trabalho, as condições técnicas e tecnológicas dos meios e das relações de comunicação e informação, os determinantes culturais, fortemente delineados pela presença da imagem num mundo majoritariamente urbano, fragmentado e dinâmico, acabaram por apontar os limites das visões e percepções que se tinham das questões espaciais, notadamente as relacionadas com os aspectos das fronteiras e dos lugares.

A própria lógica instrumental e racionalizante em si, que embasava e embasa boa parte das posturas e discursos cientificistas, que pretendia controlar e justificar um mundo ordeiro e restrito a um ideal paradisíaco de justiça, paz e desenvolvimento eterno, se desdobrou, perante a dura realidade da vida e as diversas necessidades sociais, nas condições atuais em que a suposta estabilidade está implodindo.

O exemplo aqui retirado da forma como o personagem Blank reagiu a esta situação, demonstra que não se aprendeu muito com a metáfora bíblica. Buscar novas perspectivas e olhares, assim como referenciais teóricos e conceituais outros, passa a ser necessário perante as condições atualmente delineadas em sua dinâmica espacial.

Nesse sentido, para a geografia, coloca-se a possibilidade de se intentar compreender o espaço como horizonte, cuja dinâmica dos movimentos se dá em territorialidades fragmentadas a permearem fronteiras porosas e maleáveis. Para tal, torna-se necessário um novo olhar a ser exercitado a partir do lugar em que se encontra.

Complementar a isso, outro aspecto da análise geográfica vem à tona na atualidade. A partir do escritor, ensaísta e crítico uruguaio Hugo Achugar, temos a delineação da questão do lugar onde o sujeito que enuncia o mundo se encontra. Achugar parte do fato que o mundo foi modernamente edificado a partir do processo de exploração e domínio de vastas extensões territoriais por grupos e sujeitos localizados em determinados lugares que concentravam poder e riqueza.

Como essas caracterizações dos lugares eram tomadas de forma genérica, agora, com as novas condições colocadas em nível global, percebe-se que ocorreram trocas e influências, entre os mais diversos sujeitos nos mais diversos locais. Entretanto, as condições históricas delimitam espacialidades fragmentadas e sobrepostas, desigualmente vivenciadas entre privilegiados e explorados dos mais diversos matizes e posturas.

Perante essa situação, Achugar (2006) propõe o diálogo entre as diversas áreas do saber a partir das condições dos lugares em que se praticam as mesmas, para aí sim se produzir um conhecimento em acordo com o lugar de onde se fala.

Como latino-americanos, somos formados por uma interação de povos e culturas que aqui se relacionaram e demarcaram a possibilidade de nossa identidade a partir da diversidade. O território da América Latina, portanto, é caracterizado pela troca, pelas injustiças, pela desigualdade, pela luta contra a exploração. Diante disso, muitos se sentem estranhos ao próprio lugar, como se o lugar em que se encontram não fosse fruto de suas realizações, mas apenas palco em que desenvolvem uma atividade cansativa em proveito de outros beneficiados.

Buscar uma fala autêntica em meio a uma história secular de dominação, que nos deixou sem boca, sem capacidade de enunciar a nós próprios, só será possível a partir de um “balbucio”, o qual, pelo aprimoramento e trocas entre a diversidade de idéias e posturas, poderá se edificar em uma voz, nunca uniforme, mas que tenha origem a partir do contexto plural do lugar de onde se fala.

Talvez não se tenha entendido que todos os lugares são construções metafóricas, mas enquanto algumas não necessitam ser justificadas, outras o necessitam, pois são como os planetas sem boca... Planetas sem boca, somos – os muitos outros e diversos outros – e, talvez, a tarefa que temos daqui por diante seja a de construir com orgulho nosso raro balbucio, nossos raros balbuciantes escritos ou nossas balbuciantes falas, por sermos nós mesmos, e não o que querem que sejamos..., pois nós é heterogêneo, deslocado, em constante mudança e, sobretudo, não é nem deve falar com uma única, autoritária, solitária, voz (ACHUGAR, 2006, p. 23).

O que Achugar está apontando é que, perante a complexidade de nossa formação espacial, historicamente construída em bases de dominação social e violência, até nossos gritos de liberdade foram importados dos referenciais críticos e libertários dos colonizadores. Não há como descartar esse fato, contudo, por sermos frutos da diversidade e da injustiça, por termos sido calados e ficarmos sem boca, aprendemos a sobreviver entre os buracos de possibilidade. Aprendemos a balbuciar, e é deste balbucio que podemos construir nossa própria fala em acordo com o lugar de onde estamos falando.

Nesse sentido, a partir dessas idéias de Achugar, vamos percebendo a possibilidade de se construir um discurso geográfico a partir das condições próprias de nossa realidade espacial. Temos que olhar para o nosso horizonte espacial e vermos onde não estamos enquanto vazio de nossas existências e discursos. Percebermos que em nosso próprio lugar estamos humanamente ausentes, pois apenas reproduzimos uma função que nos foi imposta pela divisão internacional do trabalho, pelas forças econômicas, pelos arranjos políticos, por um espaço fundado por interesses alheios, pela administração do território exercida por cada Estado-Nação etc.

Diante disso, realça-se a necessidade de melhor compreender o sentido de nosso lugar no mundo, não só enquanto indivíduos, mas enquanto sujeitos históricos que vivem numa sociedade cujo arranjo espacial está na periferia desigual e diversa do mundo. Nossa espacialidade latino-americana foi construída a partir de fragmentos sobrepostos e que se conflitam. Nunca foi totalmente moderna, mas os ranços de um passado ainda perduram amalgamado ao novo e ao ultra-moderno. Civilização e barbárie, riqueza e miséria, violência e ternura e outras tantas possibilidades antagônicas que aqui paradoxalmente se relacionam, nem sempre de forma harmoniosa.

A América Latina, em suas mais diversas escalas de leitura e recortes espaciais, do espaço do lar ao conjunto do continente, se caracteriza por essa diversidade e dubiedade de elementos, de silêncios e cantos, de mútuos estranhamentos e trocas de valores. É uma grande fronteira entre um mundo em crise e um projeto de sociedade. A América Latina se encontra entre o “Scriptorium” do personagem Blank e o “Paraíso Perdido” por Adão a olhar, a partir da fronteira, o mundo a ser construído. Nesse sentido que entendemos a espacialidade latino-americana como um “Entre-Lugar”.

O conceito de Entre-Lugar, cuja grafia pode ser com ou sem hífen, foi apresentado pela primeira vez por Silviano Santiago na década de 70 a partir de sua reflexão sobre o intelectual brasileiro perante a dominação dos referenciais estrangeiros. Tal conceito, frente aos processos aqui já várias vezes apontados quanto ao desenvolvimento econômico e informacional dos últimos anos, tomou sentidos mais amplos e pertinentes para com a busca de identidade espacial. Nas palavras de Hanclau (2005, p. 125-138).

O conceito de entre-lugar torna-se particularmente fecundo para reconfigurar os limites difusos entre centro e periferia, cópia e simulacro...fazendo do mundo uma formação de entre-lugares. Marcado por múltiplas acepções, entre-lugar é valorizado pelos realinhamentos globais e pelas turbulências ideológicas iniciadas nos anos oitenta, quando a desmistificação dos imperialismos revela-se urgente... Esses entre-lugares fornecem o campo para a elaboração de estratégias de subjetivação que dão início a novos signos de identidade e a postos inovadores de colaboração e contestação no ato de definir a própria sociedade

O entre-lugar, portanto, é um conceito que aponta para um determinado arranjo espacial que se caracteriza por ser fronteira, ou seja, ao mesmo tempo em que separa e limita, permite o contato e aproxima. É local daqueles que estão de passagem e em movimento buscando os afetos e as razões para se enraizar e permanecer. É lugar de estranhamento e ao mesmo tempo potencializador de identidades. É onde se manifesta de forma mais dinâmica a diversidade de idéias e valores, por isso é propulsor de unidades de posturas. É o lugar cujo horizonte sempre está mais além e aquém, mas é também onde o vazio de significados cobra o estabelecimento de sentidos possíveis. É sombra e luz e algo mais.

Entre-lugar não pode ser idealizado como o paraíso, mas também não pode ser reduzido ao inferno dos detalhes e da violência em si. É tão somente um conceito que apresenta uma dada forma de olharmos o mundo nas condições com que o vivenciamos e o produzimos a partir do território em que nossa existência se efetiva.

Um discurso geográfico, por conseguinte, que se assuma como produto dessas condições espaciais, pode elaborar referenciais

interpretativos que melhor contribuam para os individuos se localizarem e se orientarem a partir do contexto do lugar em que olham e falam do/no mundo. Pois, como latino-americanos, como habitantes de fronteiras, de entre-lugares, podemos produzir uma geografia que contribua com outras perspectivas e visões para a humanidade.

É isso que entendemos como a possibilidade latente do discurso científico da geografia fronteiriça latino-americana, como pode ser o caso do curso de Geografia de Dourados. Consolidar tal perspectiva, só através do diálogo com as outras áreas do saber, relacionando diferentes caminhos, idéias e experiências na busca por um mundo que não pode ser mais herança, mera fundação de interesses outros, mas edificação de nosso horizonte espacial. A Geografia do Entre-Lugar.

REFERÊNCIAS

- ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca** – escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- AUSTER, Paul. **Viagens no Scriptorium**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BRANDÃO, Luis A. **Grafias da identidade**. Rio de Janeiro: Lamparina; Belo Horizonte: Editora Fale (UFMG), 2005.
- HANCIAU, Núbia J. Entre-Lugar. In: FIGUEIREDO, Eunice (Org.). **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora-MG: Editora UFJF; Niterói-RJ: EdUFF, 2005.
- MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antonio A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas-SP: Papirus, 2000.
- MILTON, John. **O paraíso perdido**. São Paulo: Edigraf, [s.d.].
- PLÁ, Josefina. **Invenición de la Muerte**. El Polvo Enamorado. El Hijo Pródigo. Montevideo: Ediciones del Caballo Perdido, 2008.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma leitura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- VOLPE, Miriam L. **Geografias de exílio**. Juiz de Fora-MG: Ed. UFJF, 2005.